

A concepção de arte de Mário de Andrade, no “Rito do irmão pequeno”: uma leitura à luz de Schiller e do trecho suprimido de Amar, verbo intransitivo

Cristiane Rodrigues de Souza¹

O GRUPO DE POEMAS “RITO DO IRMÃO PEQUENO” (1931), PARTE DO *LIVRO AZUL* (1941), DE MÁRIO DE ANDRADE, é “um dos mais importantes momentos da poesia andradiana”² da fase madura do escritor, como lembra Telê Ancona Lopez. Os versos, de acordo com João Luiz Lafetá, narram “uma experiência [...] [que leva] até o ponto em que se encontra um universo indiferenciado, primordial [...]”³, momento em que o poeta conclama o irmão menor a “exercer a preguiça, com vagar”⁴, desejando que seja apreendida pelos dois a indiferença, como aparece descrita em *O Turista Aprendiz*.

Outro caso concludente de maleita nirvanizante. [...] Lá vinha bem de dentro do igarapé uma lancha grande [...]. Na proa, [...] vem um rapaz [...].

As moças fazem barulho, se desejando desejadas, as perversas. O rapaz nem olha. Pula a bordo, passa por nós sem olhar [...]. Quando desce, passa pelo outro lado do navio, evitando a nossa vista. [...] E a lancha vai, nos dando as costas para todo o sempre. Sem um olhar! Não se trata de um problema de feli-ou infelicidade... [...]. Possivelmente se tratará de uma substituição de problemas, uma diluição de problemas dentro da indiferença. Ou dentro da paciência. Ou dentro da monotonia [...]. A imagem do moço me persegue. Ter uma maleita assim, que me deixasse indiferente...⁵

Nos versos, o irmão pequeno, nascido, como Macunaíma, “do escuro da noite vasta”⁶, ou seja, da natureza profunda e inapreensível, belo como uma ave amarela, aproxima-se do ingênuo, como entendido por Friedrich Schiller⁷, mas sofre, no entanto, o risco vindo da sedução das cidades, e, por isso, é conclamado pelo eu lírico ao encontro com o primevo, na identificação com a paisagem da floresta.

¹ Doutora em Letras pela FFLCH-USP, com estágio de pós-doutorado no IEB-USP, é professora adjunta da UFMS-Três Lagoas. E-mail: cris.rodrigues.de.souza@gmail.br

² LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: matrizes e marginália. *Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 12, n. 23, 2016, p. 31.

³ LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 203.

⁴ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 459, v. 1.

⁵ ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Colaboração de Leandro Raniero Fernandes. Brasília: IPHAN, 2015, p. 165-6.

⁶ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 453, v. 1.

⁷ Ao falar sobre o ingênuo, Schiller afirma: “O que teriam por si mesmos de tão aprazível para nós uma flor singela, uma fonte [...] etc.? [...] O que neles amamos [é] [...] a eterna unidade consigo mesmos. São o que nós fomos; são o que devemos vir a ser de novo. Fomos natureza como eles, e nossa cultura deve nos reconduzir à natureza pelo caminho da razão e da liberdade. São, portanto, expressão de nossa infância perdida. (SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Estudo e tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 44).

III

Irmão pequeno, sua alma está adejando no seu corpo,
 E imagino nas borboletas que são efêmeras e ativas...
 Não é assim que você colherá o silêncio do enorme sol branco,
 O ferrão dos carapanãs arde em você reflexos que me entristecem.

Assim você preferirá visagens, o progresso...
 Você não terá paz, você não será indiferente,
 Nem será religioso, você... ôh, você, irmão pequeno
 Vai atingir o telefone, os gestos dos aviões,
 O norte-americano, o inglês, o arranha-céu!...

Venha comigo. Por detrás das árvores, sobrado dos igapós,
 Tem um laguinho fundo onde nem medra o grito do cacauê...
 Junto à tocaia espinhenta das largas vitórias-régias,
 Boiam os paus imóveis, alcatifados de musgo úmido, com calor... [...] ⁸

Reflexões acerca da oscilação entre o primitivo e o civilizado transparecem em trechos suprimidos da primeira edição de *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade. De acordo com Marlene Gomes Mendes, o idílio ⁹, cuja primeira escrita se deu durante os anos de 1923 a 1926, com publicação em 1927, passou por duas fases de reescrita, sendo a primeira na década de 1930 e a segunda entre os anos de 1942 e 1943, momento em que o modernista organizava a sua obra completa para a Livraria Martins Editora ¹⁰. O exemplar que guarda as marcas do trabalho de Mário de Andrade nessas duas fases, preservado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, apresenta indicações para exclusão de trecho em que o modernista faz considerações acerca do trabalho artístico, coberto por traços em forma de “x”, deixando de fazer parte do idílio a partir da edição de 1944.

Por meio de anotação autógrafa com tinta preta, realizada em espaço em branco, perto do final do trecho suprimido, Mário reconhece na fala do narrador seu próprio pensamento, justificando, com isso, a supressão do trecho, realizada com base em preocupações acerca da qualidade estética da obra. Assim, podemos ler as conjecturas do narrador-escritor como exposição do pensamento teórico de Mário de Andrade acerca do fazer artístico.

Nota MA ¹¹:

Estou ficando preocupado com estes meus monólogos extemporâneos, que nada têm a ver com a estrada real do idílio. Isso deve ser um erro estético. O melhor é nunca mais eu entrar neste livro outra vez. ¹²

⁸ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Op. cit., p. 455, v.1.

⁹ Na capa do livro, o texto é definido como idílio.

¹⁰ MENDES, Marlene Gomes. Nos caminhos de um livro. In: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Estabelecimento do texto e prefácio de Marlene Gomes Mendes. Posfácio de Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 9-13.

¹¹ O itálico será usado para transcrição de notas manuscritas.

¹² Nota autógrafa de Mário de Andrade. ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. São Paulo: Casa editora Antonio Tisi, 1927, p. 199. As anotações e supressões feitas por Mário de Andrade na edição princeps transformam o

Nos trechos suprimidos, como se pode ver a seguir, há menção ao tipo de arte voltada a ela mesma, próxima do pensamento herdado da Europa, e, em oposição, é mencionado o artista que volta seu olhar ao primitivo e à indiferença, duas forças – a civilização e o modo primário da natureza – que aparecem encenadas no grupo de poemas de 1931.

[...] Quem estará com a razão? Esse um que faz arte pura, desinteressada, integral, que antepõe teoria a sentimento, buscando refletir assim a civilização [...]? Ou eu, que me fiz selvagem, retornei prá mata-virgem e principiei em pinchos rituais, desteorizado, malcriado, desinteligente, pretendendo tocar a selvageria que se entocaia dentro dos homens? [...]¹³

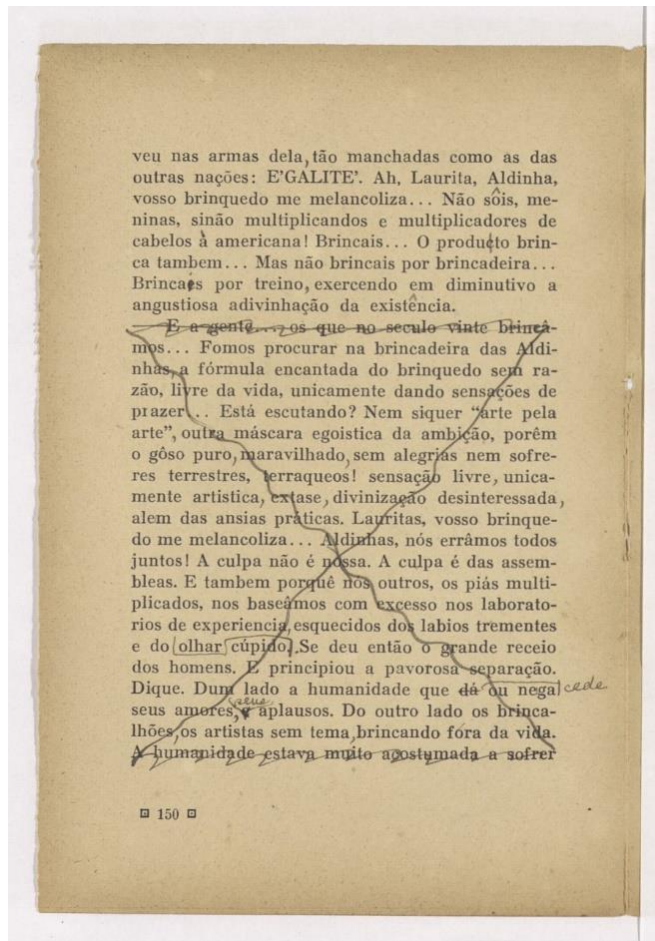
Nas considerações de *Amar, verbo intransitivo*, a arte do início do século XX é entendida como semelhante à brincadeira desinteressada das personagens infantis do idílio de 1927, sendo descrita por Mário de Andrade, a partir de uma revisão crítica sobre o fazer artístico.

[...] Fomos procurar na brincadeira das Aldinhas, a fórmula encantada do brinquedo sem razão, livre da vida, unicamente dando sensações de prazer... Está escutando? Nem sequer “arte pela arte” [...], porém o gôso puro, maravilhado, sem alegrias nem sofreres terrestres [...], sensação livre, unicamente artística [...] além das ansias práticas... [...]¹⁴.

exemplar em manuscrito da segunda edição. O volume está preservado no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, por meio do trabalho da equipe Mário de Andrade, sob a coordenação da professora Telê Ancona Lopez. Mantive a grafia original.

¹³ ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*: idílio. São Paulo: Casa editora Antonio Tisi, 1927, p. 198.

¹⁴ *Ibidem*, p. 150.



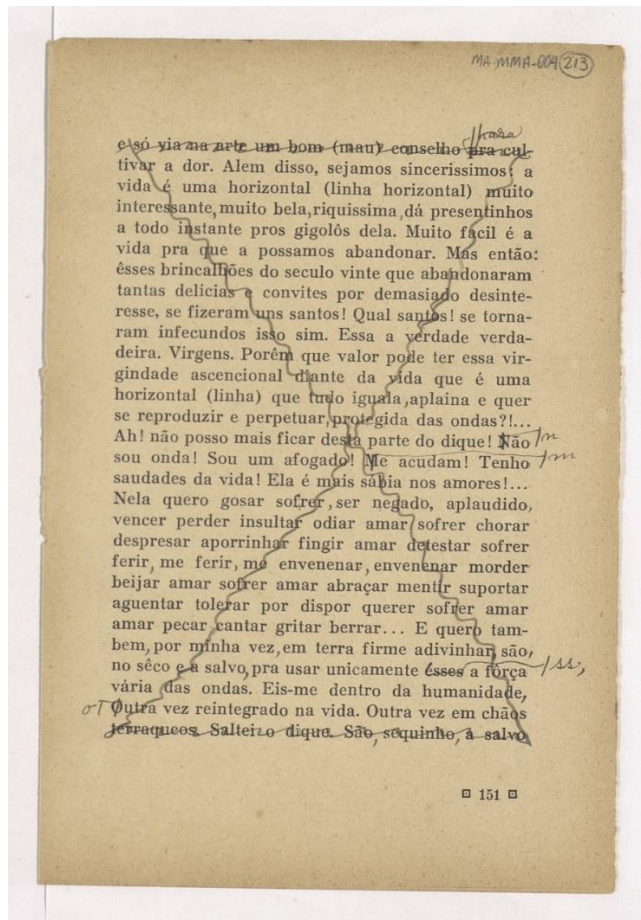
Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-004-137-254-152.

No entanto, Mário de Andrade, no trecho suprimido, sente-se oscilar entre o desejo de fruir a criação artística intelectual, à qual se entrega, e a vontade de se acercar das forças selvagens da vida, fundamental para a arte, oscilando, portanto, entre duas formas de composição.

Constatando a falta da vida na arte desinteressada, Mário afirma desejar os ímpetos e os amores que ficam do outro lado do dique:

[...] Mas então: êsses brincalhões do seculo vinte que abandonaram tantas delícias e convites por demasiado desinteresse [...] se tornaram infecundos isso sim. [...] Virgens. Porém que valor pode ter essa virgindade ascensional diante da vida que é uma horizontal (linha) que tudo iguala, aplaina e quer se reproduzir e perpetuar, protegida das ondas?!...Ah! não posso mais ficar desta parte do dique! não sou onda! Sou um afogado! me acudam! Tenho saudades da vida! Ela é mais sábia nos amores!... Nela quero gosar sofrer [...] ¹⁵.

¹⁵ Ibidem, p. 151.



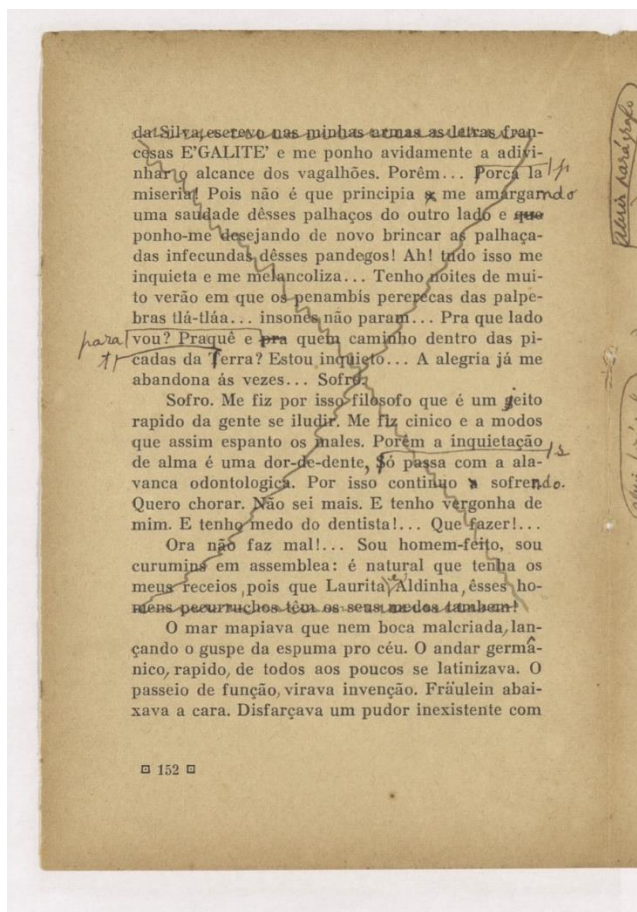
Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-004-137-254-153.

No entanto, ao se entregar à vida, o narrador-escritor sente falta de estar ao lado dos artistas-palhaços brincalhões, voltados às questões teóricas do fazer artístico, mostrando-se indeciso entre os dois chamados:

Porém... porca¹⁶ la miseria! Pois não é que principia me amargando uma saudade d'esses palhaços do outro lado e ponho-me desejando de novo brincar as palhaçadas infecundas d'esses pandegos! Ah! tudo isso me inquieta e me melancoliza... [...] Pra que lado vou?¹⁷

¹⁶ Correção do autor a lápis, substituindo P maiúsculo por p minúsculo.

¹⁷ Ibidem, p. 152.



Arquivo IEB-USP, Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-004-137-254-154.

Dessa forma, o escritor se define como um artista dividido entre dois desejos contraditórios, reafirmando-se como o ser paradoxal já anunciado na *Pauliceia desvairada* – “Sou um tupi tangendo um alaúde!”¹⁸. A imagem do indígena a empunhar o instrumento europeu é dúbia como a figura do adulto-curumim, mencionado no trecho suprimido.

Sou homem-feito, sou curumins em assemblea: é natural que tenha os meus receios, pois que Laurita e Aldinha, esses homens pecurruchos têm os seus medos também!¹⁹

De maneira semelhante, no “Rito do irmão pequeno”, o eu lírico se divide em duas faces, já que o irmão figura como uma espécie de *alter ego* do eu, num desdobramento dele mesmo, a quem o eu poético deseja dar “o sabor do [seu] próprio destino/ A [sua] projeção, a essência duma intimidade incorruptível...”²⁰. No entanto, o poeta teme não ser possível ao irmão manter-se no estado de ingenuidade, necessário à completude do ser, e exorta-o a buscá-lo, como se temesse a dispersão de si mesmo, no mundo intelectualizado.

No grupo de poemas, o jogo – “Vamos caçar cotia” – liga-se à procura da indiferença e do primordial, em contraponto ao civilizado. Já na primeira edição de *Amar, verbo intransitivo*, num movimento oposto, o

¹⁸ Idem. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telé Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 78, v. 1.

¹⁹ Idem. *Amar, verbo intransitivo*: idílio. São Paulo: Casa editora Antonio Tisi, 1927, p. 152.

²⁰ Idem. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telé Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 454, v. 1.

brinquedo das crianças da cidade afasta-se da vida selvagem. Nos dois momentos, entretanto, o lúdico permeia a contraposição fundamental entre o primitivo e o intelectualizado, ligando-se à criação artística.

Como lembra Pedro Sússekind, Friedrich Schiller, retomando a pergunta de Kant – “O que é o homem” –, ligada à duplicidade do ser humano, dividido entre o mundo da natureza e o mundo da liberdade racional, tem duas definições que respondem à questão – “A primeira aparece no ensaio ‘Sobre o sublime’ [...]: “O homem é o ser que quer” [...]. A segunda está [em] *A educação estética do homem*: ‘Ele só é plenamente homem quando joga’”. De acordo com o estudioso, a segunda definição procura superar a dicotomia ressaltada por Kant²¹, superação desejada por Mário de Andrade, podemos afirmar, em diferentes momentos de sua obra.

O impulso lúdico, que forma, de acordo com Schiller, ao lado dos impulsos material e formal, a natureza humana, é estudado em *A educação estética do homem*, em que o filósofo reflete acerca da possibilidade de junção das partes sensíveis e racionais do ser. Para Schiller, “a plenitude da existência humana, com o máximo de independência e liberdade, ocorreria quando o homem abarcasse o mundo sem se perder nele, sendo capaz de submeter à razão a infinita multiplicidade dos fenômenos”, convergência conseguida por meio de um terceiro impulso²².

[...] Como conclui o autor, o objeto do impulso lúdico tem de ser a forma viva [lebende Gestalt], “conceito que serve para designar todas as qualidades estéticas dos fenômenos, tudo o que em resumo entendemos no sentido mais amplo por beleza”. Finalmente, fica estabelecida a relação da teoria dos impulsos – vinculada até o momento a uma reflexão sobre o homem, a natureza e a cultura – com a Estética.²³

Para o filósofo, como lembra Sússekind, o lúdico se expressa também em forma de jogos, como “os [...] de Olímpia dos gregos [...], [sendo que] os gregos, além disso, transpuseram para a frente dos deuses o que deveria ser feito na terra: no lugar da seriedade, o prazer²⁴”.

Assim, com a libertação dos grilhões de toda finalidade, dever ou preocupação, os gregos teriam feito **do ócio e da indiferença** o invejável destino dos deuses²⁵. (grifos nossos)

O apelo para o jogo, no “Rito”, grupo de poemas em que se preza o ócio e a indiferença – “Vamos, irmão pequeno, [...]/Exercer a preguiça, com vagar” –, é convite para a entrada no domínio do Belo e para a superação da dicotomia da natureza humana. Assim, no “Rito”, tentando não sucumbir apenas ao pensamento racional, o eu lírico, ao lado do irmão, procura o espaço propício à retomada da experiência sensível, perdida pelo homem da época moderna, já que há, no “Rito”, o silêncio que, ao lado da fadiga das brincadeiras, é capaz de instigar o desejo da compreensão não racional, numa ligação com a natureza que representa o ingênuo.

²¹ SÚSSEKIND, Pedro. O impulso lúdico: sobre a questão antropológica em Schiller. *Artefilosofia*. Ouro Preto, n. 10, abr. 2011, p. 12-13.

²² *Ibidem*, p. 18.

²³ *Ibidem*, p. 19-20.

²⁴ *Ibidem*, p. 21.

²⁵ *Ibidem*, p. 21-2.

II

Vamos caçar cotia, irmão pequeno,
Que teremos boas horas sem razão,
Já o vento soluçou na arapuca do mato
E o arco-da-velha já engoliu as virgens.

Não falarei uma palavra e você estará mudo,
Enxergando na ceva a Europa trabalhar;
E o silêncio que traz a malícia do mato,
Completará o folhicho, erguendo as abusões.

E quando a fadiga enfim nos livrar da aventura,
Irmão pequeno, estaremos tão simples, tão primários,
Que os nossos pensamentos serão vastos,
Graves e naturais feito o rolar das águas.²⁶

Para retomar o lado primário da existência, e alcançar a plenitude vinda da união do racional e do sensível, os dois precisam se entregar ao jogo da caça à cotia, assim como à paisagem amazônica, que esconde a umidade fértil do lago e da vegetação. De acordo com Gilda de Mello e Souza, a viagem do modernista ao Norte do país e o contato com o rio Amazonas levaram-no a experimentar o abandono de seu lado intelectual e a perceber a paisagem, por meio da sensibilidade.

[...] Ele está consciente de que a primeira parte da viagem se caracterizou, sobretudo, pela renúncia à razão; pelo esquecimento gradativo de tudo o que, até aquele momento, lhe havia norteado a vida – a saber, os conceitos abstratos, as normas de conduta, as decisões dos projetos. O contato com a realidade inesperada de seu país, como que restaurou nele **um estado de inocência, de disponibilidade perceptiva**²⁷. (grifos nossos)

Telê Ancona Lopez, ao estudar as matrizes da criação de Mário de Andrade, mostra como a obra de Heine, conhecida pelo poeta desde o início de seu percurso, mantém-se em seu pensamento, até ser retomada em 1931, quando escreve os poemas do “Rito”, após ter conhecido o rio Amazonas:

Em [...] 1931, “Auf Flugeln des Gesanges”, seguido de “Die Lotoblume ängstige” de *Gedichte*, quebram novamente a latência, para vigorar, transfigurados, no “Rito do irmão pequeno” [...]. Nesse ano, quando o Turista Aprendiz já viveu intensamente sua descoberta do “imenso” rio Amazonas, conforme o diário da viagem de 1927, os versos de Heine retornam para propiciar, ao eu lírico, o espaço de plenitude nas

²⁶ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Op. cit., p. 454, v.1.

²⁷ SOUZA, Gilda de Mello. O mestre de Apicucos e o Turista Aprendiz. *Teresa: revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2000, p. 80-82.

margens do rio sagrado, recanto a ser dividido com a “Schwesterlein” (irmã pequena). Transmutam-se no confronto da contemplação, da “bem aventurança” (conforme a tradução antiga, a lápis, na margem do Lied), com o agitado mundo das “visagens” do progresso, quando o poeta propõe ao irmão pequeno, seu interlocutor e projeção no futuro, o exercício da preguiça elevada, a indiferença no isolamento do espaço amazônico, em uma dimensão metafísica que acolhe a inelutável presença da dor e da morte²⁸.

No grupo de poemas, após as exortações iniciais, em que se revela a procura do impulso material, que coexistirá com o impulso formal herdado da civilização europeia, o eu lírico e o irmão pequeno parecem se aproximar do estado de completude, em que, depois do acesso de dor – “O acesso já passou” –, percebem preguiças em galhos, em suas “cópulas lentíssimas”, ouvem o calor “largado em silêncio” e apreendem o movimento lento das árvores, ao lado da voz de uma toada. “Não há nada”, nem a curiosidade ou os desejos, como se pudessem ter atingido o estado de “indiferença”, sorvido por cabeças amorosas que “deslizam com doçura”, por “pálpebras entrecerradas”, não na noite, momento da libido e do encontro amoroso, mas em “pleno dia”, momento em que o Sol branco, exasperado e ostensivo, encontrado por Mário em suas viagens etnográficas, “penetra [nos dois] que nem a inexistência incomparável”²⁹.

IX

A cabeça desliza com doçura,
E nas pálpebras entrecerradas
Vaga uma complacência extraordinária.

É pleno dia. O ar cheira a passarinho.
O lábio se dissolve em açúcares breves,
O zumbido da mosca embalança de sol.
... Assurbanipal...
A alma, à vontade,
Se esgueira entre as bulhas gratuitas,
Deixa a felicidade ronronar.

Vamos, irmão pequeno, entre palavras e deuses,
Exercer a preguiça, com vagar³⁰.

No entanto, como mostram Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo, Mário de Andrade redige, no seu exemplar de trabalho de *Poesias*, com tinta preta, um texto, ao final do grupo de poemas “Rito do irmão pequeno”, em que o leitor de si mesmo raciocina criticamente sobre os últimos versos do grupo, mostrando-se perplexo com o domínio da racionalidade que o tomou ali:

²⁸ LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: matrizes e marginalia. *Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 12, n. 23, 2016, p. 31-32.

²⁹ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Op. cit., p. 456.

³⁰ *Ibidem*, p. 458-9.

Depois do exercício maravilhoso da amizade, com o nº X o poema conclui, no entanto, pessimistamente, afirmando a impossibilidade, não exatamente da fraternidade, mas de identificação entre os homens. Depois do dilúvio próximo, os seres se separarão de novo em brancos e pretos, em fortes e fracos, em prepotentes e escravos.

[...] Se observe em principal a frieza “parnasiana” do último poema nº X. Depois de todo o lirismo sensível, caricioso, acariciante, quente e misterioso dos outros poemas, uma ideia nítida dita com nitidez, implacável. A paixão, o lirismo desapareceram. O poema soa como um enunciado de verdade, uma fórmula matemática, em que não estou mais em mim [...]. Durante todo o poema eu sou um espírito que sabe. No nº X sou um espírito mandado. Por quem?³¹

A separação entre o eu e o outro e o abandono do estado lúdico e da indiferença fazem surgir, no “Rito”, o tom objetivo e racional. Assim, o último poema do grupo não apenas afirma “a impossibilidade, não exatamente da fraternidade, mas de identificação entre os homens”³², mas inaugura, mesmo na mudança de tom, a volta à parte intelectual do ser, ou seja, ao modo de pensar da civilização ocidental, perdendo o eu lírico o contato com o mundo sensível a que exortava o irmão pequeno, demonstrando, como no trecho de *Amar, verbo intransitivo*, a oscilação que forma seu ser, dividido entre o desejo da vida selvagem e o modo de vida regido pelas heranças civilizatórias europeias.

X

A enchente que cava margem,
Roubou os barcos do porto,
A água brota em nosso joelho
Delícias de solidão.

Trepados na castanheira
Viveremos sossegados
Enquanto a terra for mar;
Pauí-Pódole virá
Nas horas de Deus trazer
A estrela, a umidade, o aipim.

E quando a terra for terra,
Só nós dois, e mais ninguém,
De mim nascerão os brancos,
De você, a escuridão³³.

³¹ A anotação de Mário de Andrade foi incluída na edição das *Poesias completas* organizada pelas autoras. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 39-40, v. 2.

³² *Ibidem*, p. 39.

³³ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Op. cit., p. 459, v.1.

Dessa forma, nos versos em que o eu lírico exercita o movimento absorvente da criação artística, no encontro dele com ele mesmo e na entrega à indiferença, presente na natureza e no jogo lúdico, há a busca da abolição da fratura do homem moderno, descrita por Schiller, que, no entanto, o define.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*: idílio. São Paulo: Casa editora Antonio Tisi, 1927.

_____. *O Turista Aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Colaboração de Leandro Raniero Fernandes. Brasília: IPHAN, 2015.

_____. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1-2.

LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: matrizes e marginália. *Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 12, n. 23, 2016. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/466>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MENDES, Marlene Gomes. Nos caminhos de um livro. In: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*: idílio. Estabelecimento do texto e prefácio de Marlene Gomes Mendes. Posfácio de Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Estudo e trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SOUZA, Gilda de Mello. O mestre de Apicucos e o Turista Aprendiz. *Teresa*: revista de Literatura Brasileira. São Paulo, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/121076>. Acesso em: 11 jan. 2022.

SÜSSEKIND, Pedro. O impulso lúdico: sobre a questão antropológica em Schiller. *Artefilosofia*. Ouro Preto, n. 10, abr. 2011.

Recebido em: 11/01/2022

Aceito em: 26/04/2022